

PRINCIPIO DE ARQUIMEDES

***Como sobreviver no meio aquático
ou a história de um corpo flutuante***

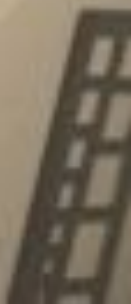
PRINCIPIO DE ARQUÍMEDES

***Cómo sobrevivir en el medio acuático
o la historia de un cuerpo flotante***

ARCHIMEDES' PRINCIPLE

***How to survive in the aquatic environment
or the story of a floating body***

***Santiago Morilla
Raúl Díaz Reyes
Eduardo Hurtado***



(...) Não existe um objetivo nem uma linha temática que possa conduzir a uma intenção de significado ou discurso. Apenas o propósito de fazer flutuar um corpo mediante um conjunto de artefactos unidos precariamente uns aos outros. Como resultado surgem pequenos exercícios carregados de poética surrealista que acabam por se conotar e significar, por vezes vinculados a movimentos da história de arte, outras a gestos cénicos das vanguardas artísticas, outras ainda aproximando-se de espaços rituais e jogos infantis.

Finalmente, atuando a partir da epifania do patético, o corpo flutua submerge e suporta a pressão da água, evidenciando uma situação de colapso que pode ser lida desde um paralelismo com os sistemas de produção. Ainda que não exista a intenção de nomear nenhum elemento de referência, ao longo de todo o processo surgiram questões relacionadas com um contexto histórico e político, que não podem ser evitadas. De tal forma que, a partir de uma ação simples e delirante, carregada de patetismo, se geram significados imprevistos e se formulam uma série de perguntas acerca dos mecanismos que no permitem conseguir flutuar quando perdemos o controlo dos nossos movimentos. O risco é nulo, mas também a possibilidade de emancipação.

(...) No existe un objetivo ni un hilo temático que pueda conducir a una intención de significado o discurso. Sólo existe el propósito de hacer flotar un cuerpo mediante extraños artilugios unidos precariamente los unos a los otros. Como resultado aparecen pequeños ejercicios cargados de poética surrealista que terminan por connotarse y significarse, a veces vinculándose a movimientos de la historia del arte o a gestos escénicos de las vanguardias artísticas; en otras ocasiones, acercándose a espacios rituales y juegos infantiles.

Finalmente, actuando desde la epifanía de lo patético, el cuerpo flota, se sumerge y soporta la presión del agua, evidenciando una situación de colapso que puede ser leída desde un paralelismo con los sistemas de producción. Aunque no existe una intención de nombrar ningún elemento de referencia, a lo largo de todo el proceso han aparecido cuestiones que atañan a un contexto, histórico y político, que no puede ser obviado. De tal forma que, desde una acción sencilla y delirante, cargada de patetismo, se generan significados imprevistos y se plantean una serie de preguntas acerca de los mecanismos que nos permiten seguir a flote a costa de no poder tener un control sobre nuestros movimientos. El riesgo es nulo, pero también la posibilidad de emancipación.

(...) There is neither objective nor a thematic thread that can lead to a meaningful intent or discourse. There is only the purpose of a body to float through strange contraptions attached precariously to each other. As a result these small exercises appear loaded with surreal poetry that eventually imply and distinguish themselves, sometimes by joining movements of art history or scenic gestures of the avant-garde, at other times, approaching ritual spaces and playgrounds.

Finally, acting from the epiphany of pathos, the body floats, sinks and water pressure supports, showing a state of collapse that can be read from a parallel production system. Although there is no intention to appoint a point of reference, along the way issues that affect one context have appeared, historical and political, which can not be ignored. In a way that, from a simple action and delirious, full of pathos, unforeseen meanings are generated and raises a number of questions about the mechanisms that allow us to stay afloat at the expense of not being able to have control over our movements. The risk is zero, but also there is a possibility of emancipation.





(...) Devo reconhecer que a tarefa apaixonante de comissariar um projecto e trabalhar lado a lado com os artistas (com gente que se encontra em processos criativos paralelos ao meus) implica sempre abrir um caminho de incertezas. Por vezes este caminho conduz a lugares que já tinham sido visitados; Por vezes, a novos obstáculos; E em certas ocasiões encontramos-nos de bruços com assuntos inesperadamente complicados de resolver.

O percurso que ao longo dos últimos meses Santiago, Raúl e Eu realizámos, foi dirigido em todo o momento com a intenção de encontrar um ponto de união, um nexos sobre o qual pudéssemos trabalhar. Depois de vários meses estagnados, de várias reuniões, decidimos encontrar-nos uma tarde para beber uma cerveja num bar do centro de Madrid. Ali chegámos à conclusão de que trabalharíamos conceitos como a flutuação, apneia ou a tensão superficial em relação ao modo como um corpo _ como metáfora_ se comporta no meio aquático. Mas não queríamos fazê-lo de forma literal nem tão pouco estávamos dispostos a repetir esquemas de trabalho. Não que houvesse uma intenção de refletir sobre a figura do artista ou do comissário, mas de alguma maneira era necessário atenuar essas posições. Assim, finalmente, Santiago e Raúl propuseram-me ser o seu objeto de trabalho e estudo...o seu material de partida. Decidimos ali mesmo que o melhor seria diluir e desdobrar as nossas tarefas. Um gesto que pode considerar-se um verdadeiro posicionamento político.

A nossa primeira ação foi partir em busca de todo o tipo de artigos de flutuação. Comprámos material em lojas de pesca, em grandes superfícies desportivas e em bancas de mercados... acumulámos garrafas plásticas. Depois reunimos tudo isto, juntámo-nos uma tarde no atelier de uns colegas e começámos a 'prototipar' uma série de indumentárias. Os artistas vestiram-me dos pés à cabeça com boias, garrafas de lixívia vazias... óculos de mergulho. Transformaram-me no seu manequim, faziam mover-me lentamente, mudar de posição ou adotar formas estranhas enquanto registavam todo o processo.

No dia seguinte recolhemos todo aquele material e fomos para um lago. Procurámos o sítio mais adequado para realizar a ação, pensando um pouco na cenografia e encontrámos várias localizações interessantes. Em todas elas o esquema era mais ou menos o seguinte: vestiam-me com um dos trajes que tínhamos 'prototipado' no dia anterior, atiravam-me à água e gravavam a partir de margem a forma como me distanciava lentamente. Às vezes davam-me indicações (mais longe, mais perto, tenta pouco a pouco chegar aquela rocha...) ou simplesmente corrigiam a minha postura

Independentemente do material que obtivemos, que aliás nos parece interessante, gozámos um dia que dificilmente poderei esquecer. Um dia que recordas para o resto da tua vida. O resultado final de todo este projeto, deste apaixonante projeto curatorial (ou não tão curatorial), tomará a forma de uma exposição na qual se mostrarão os registos, os trabalhos desenvolvidos posteriormente, documentação de todo tipo bem como esta pequena publicação. Porém, para mim, no que à memória diz respeito, à geração de todo esse produto experimental e subjetivo, existirão coisas que nunca poderão ser apresentadas com facilidade.

No caminho do 'Principio de Arquimedes', visitámos lugares novos e encontrámos grandes obstáculos. Todo o inesperado em nenhum caso foi complicado de resolver. A apaixonante tarefa de comissariar este projeto não tão curatorial, e trabalhar lado a lado com o Santiago e o Raúl, permitiu-nos a todos avançar e crescer.

Por muito complexas que fossem as relações de sentido e significado que pudéssemos apresentar com as nossas ações e gestos (inclusive, se é que fizemos alguma coisa pela arte!?) haverá sempre algo que não poderá ser produzido, emoldurado, exibido, vendido, catalogado ou editado. Haverá sempre algo que ficará guardado para os artistas e para mim. Um algo que conseguimos neste caminho e que é muito mais importante que o levantamento simbólico (algo que no meu ponto de vista também conseguimos). Algo, uma faísca, um momento de transcendência que marca a diferença entre ser 2 artistas e 1 comissário e o que somos agora...três bons amigos. Isto é flutuar!



(...) He de reconocer que la apasionante tarea de comisariar un proyecto y trabajar mano a mano con artistas (es decir, con gente que se encuentra en procesos creativos paralelos a los míos) implica siempre abrir un camino de incertidumbres. A veces este camino conduce a lugares que ya habían sido visitados. A veces, a nuevos obstáculos. Y en ocasiones a encontrarse de bruces con asuntos inesperadamente complicados de resolver.

El recorrido que a lo largo de los últimos meses hemos generado Santiago, Raúl y yo, ha ido dirigido en todo momento a encontrar un punto de unión, un nexo sobre el que ponernos a trabajar. Tras varios meses estancados y varias reuniones, una tarde quedamos a tomar un caña en un bar del centro de Madrid. Y allí, llegamos a la conclusión de que queríamos trabajar sobre conceptos como flotación, apnea o tensión superficial en relación al modo en que un cuerpo -como metáfora- se comporta en el medio acuático. Pero no queríamos hacerlo de una forma literal y tampoco estábamos dispuestos a repetir esquemas de trabajo. No es que hubiese una

intención de reflexionar sobre la figura del artista o el comisario, pero de alguna manera sí que parecía necesario “amortiguar” esas posiciones. Así que, finalmente, Santiago y Raúl me propusieron ser su objeto de trabajo y estudio, su material de partida. Decidimos allí mismo que lo mejor era diluir y desbordar nuestras tareas. Un gesto, que puede considerarse un verdadero posicionamiento político.

Lo primero que hicimos fue ir en busca de todo tipo de artilugios de flotación. Compramos material en tiendas de pesca, en grandes superficies deportivas o en puestos de mercadillo, acumulamos botellas de plástico...Una vez que tuvimos todo esto, nos juntamos una tarde en el estudio de unos colegas, y empezamos a prototipar una serie de “trajes”. Santiago y Raúl me vestían de pies a cabeza utilizando las boyas, los botes vacíos de lejía o las gafas de bucear. Me transformaban en su maniquí y me hacían moverme lentamente, cambiar de postura o adoptar formas extrañas mientras registraban todo el proceso.

Al día siguiente cogimos todo aquello y nos fuimos a un lago. Buscamos el espacio más adecuado para realizar la acción, pensando un poco en la escenografía, y conseguimos varias localizaciones interesantes. En todas ellas el esquema era más o menos el siguiente: me vestían con alguno de los trajes que habíamos planificado en la jornada anterior, me tiraban al agua y grababan desde la orilla como me iba alejando poco a poco. A veces me daban alguna indicación (más lejos, más cerca, intenta ir poco a poco hacia aquella roca...) o simplemente corregían mi postura.

Independientemente del material que obtuvimos, que además es muy interesante, disfrutamos de una jornada que difícilmente podré olvidar. Un día de esos que recuerdas el resto de tu vida. El resultado final de todo este proyecto, de este apasionante proyecto curatorial (o no tan curatorial), tendrá forma de una exhibición en la que se mostrarán los registros, los trabajos posteriores o documentación de todo tipo y quedará reflejado en esta publicación. Sin embargo, para mí, en lo que respecta a la memoria, a la generación de todo ese producto experiencial y subjetivo, habrá cosas que nunca podrán ser nombradas con facilidad.

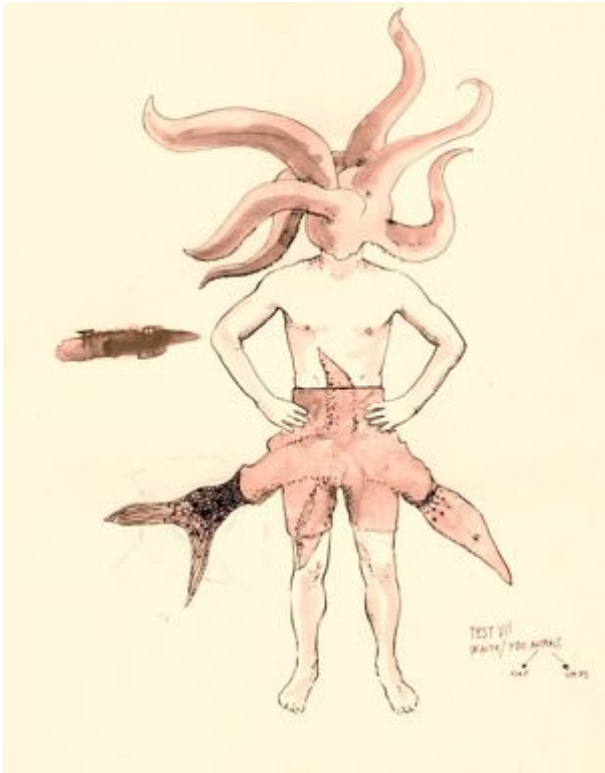
En el camino de “Principio de Arquímedes”, hemos visitado lugares nuevos y no hemos encontrado grandes obstáculos. Todo cuanto haya podido ser inesperado no ha sido en ningún caso complicado de resolver. Es decir, que la apasionante tarea de comisariar este proyecto no tan curatorial, y trabajar mano a mano con Santiago y Raúl, nos ha permitido a todos avanzar y crecer.

Por muy complejas que fuesen las relaciones de sentido y significado que pudiésemos estar presentando con nuestras acciones y nuestros gestos (incluso si es que hicimos alguna cosa por el arte) siempre habrá algo que no podrá ser producido, enmarcado, exhibido, vendido, catalogado o editado. Siempre habrá algo que quedará guardado para Santiago, para Raúl y para mí. Un algo que conseguimos en este camino y que es mucho más importante que el levantamiento simbólico (algo que bajo mi punto de vista también logramos). Un algo, una chispa, un momento de trascendencia, que marca la diferencia entre ser dos artistas y un comisario, y lo que somos ahora, tres buenos amigos.

¡Eso es mantenerse a flote!

(...) I must admit that the exciting task of curating a project and working closely with artists (ie people who are creative processes parallel to mine) opens a path always which involves uncertainties. Sometimes this path leads to places that have already been visited, new obstacles or to meet face to face unexpectedly with complicated issues to resolve.

The journey over the last few months we have created - Santiago, Raúl and I , has been directed at all times to find a junction point, a nexus on which to get to work. After several stagnant months and several meetings, one evening we were to take a "caña" in a bar in central Madrid. And here we came to the conclusion that we wanted to work on concepts such as buoyancy, surface tension and apnea or in relation to how a body-as-metaphor behaves in the aquatic environment.



But we did not want do it in a literal way and we were not prepared to repeat work schematics. Not that he had an intention to reflect on the figure of the artist or the curator, but somehow if it seemed necessary to "buffer" those positions. So, finally, I was asked Santiago and Raúl to be the object of work and study, the starting material. We decided on the spot that it was best to dilute and let flow forth our ideas. A gesture which can be considered as a genuine political positioning.

The first thing we did was go for all kinds of flotation devices. We bought equipment in fishing stores, in sports superstores or market stalls, we accumulated plastic bottles... Once we had all of this, we met one afternoon in the studio of some colleagues, and started a series of prototype "costumes". Santiago and Raúl dressed me from head to toe using various combinations of buoys, empty bleach bottles of bleach and snorkels. I turned into their dummy and they moved me around slowly, changing positions or adopting strange shapes as they recorded the whole process.

The next day we took everything and went to a lake. We looked for the most appropriate space to perform the action, thinking a bit in the scenery, and got several interesting locations. All of which was more or less as follows: I wore one of the suits we had planned on the previous day, jumped into the water and recorded from the sidelines as I was moved away slowly. Sometimes they gave me some indication (further, closer, trying to move slowly towards the rock ...) or just by correcting my posture.

Regardless of the material that we obtained, which is also very interesting, we enjoyed a day that was hard to forget. One of those days you remember the rest of your life. The end result of this whole project, this exciting curatorial project (or not so curatorial), will form an exhibition in which records are displayed, subsequent works and documentation of every kind will be reflected in this publication. However, for me, when it comes to memory, to generate such an experiential and subjective product, some things can never be named easily.

On the path of "Principio de Arquímedes ", we visited new places and have found great obstacles. All that has been unexpected is not in any way complicated to solve. This means that the exciting task of curating this project as curatorial, and work closely with Santiago and Raúl allowed us all to move forward and grow.

For very complex relationships that were meaningful and meant that we could be having with our actions and our gestures (even if we did something for the art) will always be something that can not be produced, framed, displayed, sold, labeled or edited. There will always be something that will be saved for Santiago, for Raúl and for me. One thing that we achieved on this path and it is much more important than the symbolic uprising (which in my point of view that we managed also). A something, a spark, a moment of transcendence that makes the difference between being two artists and a curator, and what we are now, three good friends. That is staying afloat!



Raúl Díaz Reyes

Raúl Díaz Reyes vive e trabalha em Madrid. Recebeu várias bolsas internacionais e tem exibido o seu trabalho em Espanha, Alemanha e sobretudo no Brasil onde tem desenvolvido grande parte da sua criação mais recente. A sua prática centra-se na criação de uma cosmogonia pessoal baseada na recolha e apropriação de distintas referências_ o simbolismo, a BD underground, o cinema de ficção científica ou a própria história da arte_ para focar a sua atenção em contextos definidos a partir de uma certa marginalidade em oposição ao hegemónico, como a arte outsider ou o estudo dos fenómenos paranormais

Raúl Díaz Reyes vive y trabaja en Madrid, ha expuesto y recibido importantes becas internacionales en España, Alemania y Brasil, siendo en este país donde ha desarrollado su creación en los últimos años. Su trabajo apuesta por la confección de una cosmogonía personal basada en la recolección y apropiación de referentes de distinta índole –el simbolismo, el cómic underground, el cine de ciencia-ficción o la propia historia del arte– para centrar su atención en contextos definidos desde cierta marginalidad y oposición a lo hegemónico, como el outsider art, o el estudio de los fenómenos paranormales.

Raúl Díaz Reyes lives and works in Madrid. Has exhibited his work in Spain, Germany and Brazil, thanks to international scholarships, and has developed his work in recent years in this last-named country. His highly personal universe is built on the foundations of appropriated references culled from various sources—symbolism, underground comic, science-fiction film or the history of art—which he uses to focus his attention on specific contexts, like outsider art or the study of paranormal phenomena, from a marginal angle at odds with the hegemonic.

Santiago Morilla

Santiago Morilla vive e trabalha entre Madrid e Roma. É licenciado em belas artes pela Universidade Complutense de Madrid com especialização em Media Art no ‘MEDIALab’ da Universidade de Arte e Design de Helsinki (Finlândia). Recebeu vários prémios e bolsas importantes em Espanha, Itália e na Coreia do Sul. As suas intervenções (um híbrido de desenho expandido e arte urbana) supõem uma transformação radical do cenário e da experiência. Só assim se revela o perfil das suas criaturas que misturam o humano e o animal, híbridos que não sabemos se são frutos do disfarce ou de um capricho da natureza. São seres inadaptados, condenados a desaparecer, a morder o pó e a fundir-se com ele. Abrir os limites da paisagem para a ampliar, também é evidenciar o seu contorno.

Santiago Morilla vive y trabaja entre Madrid y Roma. Es licenciado en Bellas Artes por la UCM y se especializa en Media Art en el “MEDIA Lab” en la “University of Art and Design” en Helsinki (Finlandia). Ha obtenido importantes premios y becas en España, Italia y Corea del Sur. Las intervenciones artísticas de Santiago Morilla (una hibridación de dibujo expandido y arte urbano) suponen una transformación radical del entorno y la experiencia. Sólo así se revela el perfil de unas criaturas que mezclan lo humano y lo animal, de híbridos que no sabemos si son fruto del disfraz o del capricho de la naturaleza. Se trata de seres inadaptados, abocados a la desaparición, a morder el polvo y a fundirse con él. Abrir los límites del paisaje para ampliarlo también es señalar su contorno.

Santiago Morilla lives and works between Madrid and Roma. Graduated in Fine Arts, Universidad Complutense (Madrid), specialized in “Media Lab” at the University of Art and Design Helsinki (Finland). Has won important awards and scholarships in Spain, Italy and South Korea. Santiago Morilla’s artworks and actions transform both the setting and the experience. Their profile reveals creatures that combine human and animal, they are hybrids that make us doubt whether they are the result of disguise or of the whims of nature. They are misfits, doomed to disappear, to bite the dust, to merge with it. If the limits of landscape are opened to extend its boundaries, its contour will also be drawn.

Eduardo Hurtado

Eduardo Hurtado vive e trabalha em Bilbao. Licenciado em Belas Artes pela Universidade do País Basco e pós-graduado no programa Interuniversitário de História Contemporânea, aborda a prática artística desde a posição militante de mediador nos campos da produção e do processo curatorial. O seu trabalho como artista reflete sobre a relação entre a ação física, as experiências corporais e as estruturas sociais. A sua obra foi exposta no Guggenheim de Bilbao, Montehermoso, Windsor Kulturgintza e na Galería Nuble. Trabalha ainda como doutorando no Grupo de Investigação em Experiências da Modernidade da EPV/EHU em Bilbao

Eduardo Hurtado vive y trabaja en Bilbao. Licenciado en Bellas Artes por la Universidad del País Vasco y posgraduado en el programa Interuniversitario de Historia Contemporánea, se acerca a la práctica artística desde la posición militante de mediador en los campos de la producción y el proceso curatorial. Su trabajo como artista se acerca a la relación entre la acción física, las experiencias corporales y las estructuras sociales; y se ha mostrado de forma individual en el Museo Guggenheim de Bilbao, Montehermoso, Windsor Kulturgintza y Galería Nuble. Eduardo Hurtado trabaja como doctorando dentro Grupo de Investigación en Experiencia de la Modernidad de la UPV/EHU.

Eduardo Hurtado lives and work in Bilbao. Degree in Fine Arts from the Basque Country University and postgraduate in the Inter-University Programme in Contemporary History. He approaches artistic praxis from the militant position of an facilitator in the fields of production and curatorship. His work as an artist is about the relation between body actions, corporal experiences and social structures; it was featured in a solo show at Guggenheim Bilbao, Montehermoso, Windsor Kultugintza and Nuble Gallery. Is Php Student of the Research Group of Modern Experience at the UPV/EHU in Bilbao.



Dois artistas submetem um comissário a uma série de ações, nas quais, graças a um conjunto de trajes formados por artefactos de flutuação, se perde à deriva. O comissário, transformado em corpo inerte, pode sobreviver movendo-se ligeiramente apenas. Os materiais que compõe os trajes permitem-lhe flutuar mas não nadar ou fazer outros movimentos, simplesmente deve deixar-se levar. Os artistas registam todo o processo.

Dos artistas someten a un comisario a una serie de acciones en las que, gracias a un conjunto de trajes compuestos por artefactos de flotación, éste se pierde a la deriva. El comisario, transformado en un cuerpo inerte, puede sobrevivir, pero apenas puede moverse. Los artilugios que componen los trajes le permiten flotar pero no le dejan nadar o desplazarse, simplemente, debe dejarse llevar. Los artistas registran todo el proceso.

Two artists subject a curator to a series of actions in which, thanks to a set of costumes composed of flotation devices, he is left to drift. The curator, transformed into an inert body, can survive, but can barely move. The suit is a composition of floating contraptions which allow him to float but do not let him swim or move around, simply, he must let go. The artists recorded the whole process.